

TRABALHADORES INVISÍVEIS: FOTODOCUMENTARIO DE PROFISSIONAIS EM CAMPO GRANDE/MS

Edgar da Silva Queiros (UCDB)¹

Dr. Jacir Alfonso Zanatta (UCDB)²

Me. Eduardo Perotto Biagi (UCDB)³

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto o fotodocumentário sobre os trabalhadores em Campo Grande/MS, a fim de retratar e analisar se existe a invisibilidade desses profissionais na sociedade. Foram elencados os seguintes trabalhadores: os garis, motoboys, auxiliares de limpeza e operadores de caixa de supermercado. Objetiva-se registrar pela fotografia se há ou não a invisibilidade de determinados profissionais, analisando os seguintes detalhes: a identidade, a forma de ser visto/tratado, classificação, uniformização, desvalorização, e principalmente, como tudo isso se dá. Por meio dos registros fotográficos, buscamos dar visibilidade a esses trabalhadores e discutir sobre como são vistos no campo social e político, assim como os impactos psicossociais na vida dos mesmos. Utiliza-se como metodologia a pesquisa de campo, juntamente com a pesquisa bibliográfica, por meio do método de observação-participante, a qual foi acompanhado o dia a dia de labor e realizados registros fotográficos junto a esses profissionais. A pesquisa utilizou a narrativa fotográfica *picture stories*, proposta por Sousa (2004), que as divide em 5 planos fotográficos para a coleta de dados. Fundamentam o tema desta pesquisa Costa (2004), Castel (1998), Souza (2009) e Sawaia (2014). Com relação à fotojornalismo/fotodocumentarismo, utilizamos reflexões de Ledo (1998), Feldman-Bianco (2006) e Sousa (2004). Logo, o fotodocumentário buscou trazer essa invisibilidade, que ainda é existente e impacta a vida de alguns trabalhadores da Capital de Mato Grosso do Sul. Portanto, constatamos alguns fragmentos que os invisibilizam enquanto trabalhadores e marcam seus corpos e psicológicos, sendo necessária uma mudança social, política e cultural para reverter os pormenores que os tornam invisíveis.

Palavras-chave: Trabalhadores Invisíveis. Fotodocumentário. Invisibilidade. Fotografias. Exclusão Social.

¹ Graduado em Jornalismo. Fotógrafo. Mestrando em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e participante do Grupo de Pesquisa Política de Formação e Trabalho Docente (GEFORT/UCDB). E-mail: edgar190799@gmail.com

² Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) 2017. Mestre Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) 2012 e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) 2002. Possui graduação em Psicologia - Formação de psicólogo pela Universidade Católica Dom Bosco (2009), graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1996), graduação em Filosofia - Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (1991). Coordenador dos grupos de pesquisas sobre "As Doenças da Alma" e "Pelos Olhos da Literatura". Leciona nos cursos de Filosofia, Jornalismo e Publicidade e Propaganda. E-mail: zanatta@ucdb.br Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/0694810432645761>

³ Publicitário. Fotógrafo. Mestre em comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Especialização em Gestão da Propaganda e Marketing de Eventos pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Anhanguera-Uniderp. Professor nos cursos de Publicidade, Jornalismo e Design na Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: adobiagi@ucdb.br

INTRODUÇÃO

Quem são? Como são tratados por meio do trabalho? De que maneira ocorre a invisibilidade? Como são vistos pela sociedade e pelos seus empregadores? O que seria essa invisibilidade? Quais os efeitos dessa invisibilidade na vida desses trabalhadores? São esses pressupostos que norteiam esta pesquisa, que visa retratar por meio do fotodocumentário questões muito presentes na sociedade. O fotodocumentário usa a técnica *picture stories*, proposta por Sousa (2004).

Para isso, utilizamos a técnica metodológica observação-participante, por meio de uma pesquisa de campo. Não realizamos apenas os registros fotográficos, mas ouvindo os sujeitos da pesquisa para averiguar esses fragmentos em torno da invisibilidade e então realizar as fotografias. Neste sentido, pesquisa observante e a pesquisa-ação “visa a participação consumada pelo investigador e o nível de envolvimento do sujeito pesquisado, seja um grupo, uma comunidade, um movimento social ou uma instituição” (PERUZZO, 2017, p.162).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio da pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua (PNAD contínua) realizada em 2019, há um contingente de 94,2 milhões de brasileiros ocupados com carteira registrada, recebendo variados salários. Ainda, o IBGE apontou, em pesquisa realizada em 2017, que há 288.764 pessoas ocupadas (exercendo algum tipo de profissão) em Campo Grande/MS, o que corresponde a 33% da população da cidade, campo empírico deste trabalho será a capital de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

“A invisibilidade pública⁴ – espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens” (COSTA, 2004, p.57). No mesmo sentido, Sawaia (2014, p.7) destaca que “analisar a ambiguidade constitutiva da exclusão é captar o enigma da coesão social sob a lógica da exclusão na versão social, subjetiva, física e mental.”

Desta maneira, buscar-se-á apresentar o que é essa invisibilidade por meio da fotografia, acentuando os aspectos que os tornam invisíveis estando invisíveis. Foram selecionados os seguintes trabalhadores: garis, frentes de caixas, auxiliares de limpeza e motoboys, a fim de verificar se eles encaixam entre os trabalhadores invisíveis, se há a invisibilidade social e o que se dá por trás dessa invisibilidade.

Capturar a maneira transposta dessa exclusão é, no mínimo, um resgate de alguém na sociedade. Há de ressaltar que as capturas fotográficas foram feitas sob as normas de biossegurança propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para a pandemia da covid-19.

O TRABALHO E O PROCESSO DE INVISIBILIDADE

Segundo Marx, sob a ótica de Andery et al (2012, p.399), o trabalho pode ser definido como:

Assim, para Marx, a base da sociedade, assim como a característica fundamental do homem, está no trabalho. É do e pelo trabalho que o homem se faz homem, constrói a sociedade, é pelo trabalho que o homem transforma a sociedade e faz história, o trabalho torna-se categoria essencial que lhe permite não apenas explicar o mundo e a sociedade, o passado e a constituição do homem, como lhe permitem antever o futuro e propor uma prática transformadora ao homem, propor-lhe como tarefa construir uma nova sociedade.

⁴ Costa (2004, p.63) define como “desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros homens, é expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: humilhação social e reificação.”

Neste sentido, o trabalho foi se construindo até a pós-modernidade como forma identitária no capitalismo. Com seu avanço, veio ganhando força na conjuntura social ao classificar pessoas no campo dos trabalhos, a medida em que foi definindo os ‘qualificados’ e os ‘desqualificados’. “Os ‘excluídos’ são, na maioria das vezes, vulneráveis que estavam ‘por um fio’ e que caíram” (CASTEL, 1998, p.568). Para o sistema econômico capitalista, os trabalhadores passam a ser visto pelo seu valor quanto mão-de-obra e não como seres humanos. A condição de assalariado ultrapassa os limites do que é o ser humano. Eles sofrem duplamente, pois além do aspecto social de como são vistos, há o aspecto político em que são colocados num lugar comum: a condição de classe operária, porque a maior parte dos membros dessa sociedade encontram-se na condição de assalariado, um princípio único que, ao mesmo tempo, os reúne e os separa e fundamenta, assim, sua identidade social (CASTEL, 1998).

Tais transformações formaram um processo de exclusão e segregação das pessoas, pois as tratam como parte da sociedade apenas os que trabalham em áreas de prestígio no âmbito social. Para Sawaia (2014, p.41) “A sociedade capitalista nasce com excluídos; é sua máxima respeitar o mercado, desenraizando e brutalizando a todos – essa é sua regra estruturante – para depois incluir, segundo a própria lógica.” Desta maneira, indivíduos já nascem enquadrado entre os excluídos, pois pertencem a uma classe de excluídos, depois são novamente incluídos no grupo dos excluídos. Portando, a condição de excluído está intrínseco em trabalhadores, que enfrentam um ciclo de exclusão social. Costa (2004) entende que:

O campo das atitudes está polarizado, existem dois comportamentos possíveis: aceitar naturalmente o lugar de prestígio ou não aceitá-lo. São lugares, são atitudes, são escolhas que decidem distância ou proximidade entre pessoas, distância ou proximidade psicossociais (COSTA, 2004, p.88).

Essa roteirização em torno do trabalho se dá desde à infância da pessoa, que aprende valores morais de uma cultura por meio de seus responsáveis. Ao crescerem vão definindo em sua psique preconceitos e pré-conceitos em torno de várias questões, inclusive do laborar, pois se vê diante da lógica do “sucesso pessoal”, que tantas pessoas almejam nesta lógica do trabalho. Souza (2009, p.253), descreve que para os pobres esse “é o panorama geral da experiência do que ‘não ser’: o que não se deve ser é bem claro, mas o que se pode ser só pertence a Deus e o acaso.” A progressão desse contexto deixa claro que você é resultado daquilo que escolhe, mas se for pobre, as incertezas são maiores para o campo do trabalho e além.

Quando se fala da questão dos trabalhadores invisíveis, deve-se notar dois pontos: o social e o político, um não se desvincula do outro, tornam-se apenas reflexos. “São atividades cronicamente reservadas a uma classe de homens subproletarizados; homens que se tornam historicamente condenados ao rebaixamento social e político” (COSTA, 2004, p.57).

Neste sentido a exclusão política assume um papel determinante no modo como os trabalhadores são vistos e tratados, tendo em vista que:

A exclusão política fabrica sintomas, infestando o afeto, o raciocínio, a ação e o corpo do *homem humilhado*. Assume poder nefasto: ao mesmo tempo que molda a subjetividade do indivíduo pobre, caracterizando-os muitas vezes como um ser que não pode *criar* mas que deve *repetir*, esvazia-o das condições que lhe possibilitariam transcender uma compreensão imediata e estática da realidade (COSTA, 2004, p.63).

Ao se deparem nesta lógica, os trabalhadores invisíveis enxergam a relação da má distribuição de renda, a desigualdade, logo o labor torna-se o caminho correto para esse combate:

A humilhação social apresenta-se como um fenômeno histórico, construído e reconstruído ao longo de muitos séculos, e determinante do cotidiano dos indivíduos das classes pobres. É expressão da desigualdade política, indicando exclusão intersubjetiva de uma classe inteira de homens do âmbito público da *iniciativa* e da *palavra*, do âmbito da *ação fundadora* e do *diálogo*, do *governo da cidade* e do *governo do trabalho*. Constitui, assim, um problema político (COSTA, 2004, p.63)

A invisibilidade pública foi moldando-se naturalmente, encontrando na praxe sua posição e formando sua caracterização no imaginário social. Então, ativando esse *modus operandi* de inúmeras formas, evidenciando seus reflexos, porque:

A invisibilidade pública é como estupro da alma (ninguém nos vê e, entretanto, sentimo-nos dissecados e ressecados pelos outros). *A invisibilidade pública* não se constitui como fenômeno óptico. *A invisibilidade pública* é a forma mais aterrorizante de nos sentirmos *visíveis*. Sabermos que estamos ali, é fato. Sentir-se invisível, publicamente, é ter o sentimento de que estamos desfeitos, desfeitos interiormente e profundamente vulneráveis, forçados em nossas janelas, quebrados em nossas trancas, arrombados em nossas portas (COSTA, 2004, p.177).

Nesse sentido, Sawaia (2009) ainda pondera a respeito do processo de exclusão, relacionando-o com o funcionamento do sistema que instala e mantém a vulnerabilidade social dos trabalhadores:

Em síntese, a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema (SAWAIA, 2009, p.9).

São esses aspectos que atingem à vida dos trabalhadores invisíveis, causando impactos físicos e psicológicos aos afetados por esses processos de invisibilidade pública. As condições sociais aqui favorecem muito mais um jeito passivo do que ativo de se viver em sociedade (SOUZA, 2009).

O imaginário social traz à tona toda sua conjuntura em torno da invisibilidade, o distanciamento apresenta-se como forma de situá-los no campo social. As aproximações com os invisíveis encontram vez no cotidiano daqueles que os classificam, lógica da *reificação*⁵, parte do capitalismo. A exemplo disso, Costa (2004) transpõe que as pessoas ao verem os garis, por exemplo, não se aproximam, passam para outro lado da rua, veem no distanciamento a resposta para suas atitudes.

O fenômeno da reificação danifica a compreensão sobre o caráter humano do trabalho, do trabalhador e da consciência social que deles possuímos: atravessa nossa percepção, norteia nosso pensamento e orienta nossas ações. Encontramos vínculos entre *geografia* e *lugar social* em outras tantas instituições (COSTA, 2004, p.73).

⁵ Sig. transformar o homem ou algo em coisa - objeto de consumo, termo cunhado pela corrente de pensamento Marxista. Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/reifica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 14 mai. 2020.

Em relação aos aspectos desta invisibilidade, tanto no âmbito social quanto no político, a discussão deste fotodocumentário busca averiguar a humilhação, desvalorização social, dissabor de seu reconhecimento, o isolamento, o lugar em que ocupam, a identidade, vulnerabilidade social, questões do corpo do trabalhador, entre outros aspectos que assim os tornam invisíveis.

METODOLOGIA

Na fotografia há várias vertentes, e uma delas é o fotodocumentário⁶, este é um registro fotográfico que possui uma linguagem específica e engloba temáticas próprias, em que por meio de uma constatação social são feitos vários registros fotográficos a fim de acentuar um fato. “Neste sentido, a fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina” (SOUSA, 2004, p.9). Todavia há alguns pontos que distinguem o fotojornalismo do fotodocumentarismo, o primeiro tem caráter mais instantâneo, cotidiano, uma produção com significação temporal e espacial, já o segundo tem função intemporal, narrativa complexa, temática definida, estrutura pré-moldada. No entanto, as duas possuem ponto em comum, que é informar por meio da fotografia.

Por sua vez, o fotodocumentarismo atual, sem abandonar, por vezes, a ação consciente no meio social, o ponto de vista ou o realismo fotográfico, promove diferentes linhas de atuação, leituras diferenciadas do real, enquanto a grande tradição humanista do documentalismo tende menos para a polissemia no que toca a processos de geração de sentido (SOUSA, 2004, p.27).

A relevância do tema é exibida como o propósito da mensagem a ser passada, desde o título até a produção final, os fragmentos de uma narrativa apresentam questões macrossociais e microssociais, intercalando o ver e o sentir o outro, reação expressada pela fotografia. “É através destas imagens que certas noções sobre justiça, injustiça, medo, indignação, piedade atravessam o imaginário e ajudam a tecer as relações sociais, culturais e éticas” (BIONDI, 2011, p. 95).

O fotodocumentário, por meio do fotojornalismo permite aproximar o observador ao conteúdo explorado, porque

Os sofrimentos foram tornados visíveis e apareceram para um público indistinto. No entanto, se o próprio projeto da fotografia moderna parecia inventariar as realidades, neste percurso, os sofredores eram identificados para um discurso de saber sobre o corpo social, que precisava ser reconhecido, localizado, identificado, classificado, ordenado (BIONDI, 2011, p.93).

Buscamos capturar os seguintes fragmentos: a identidade, a forma de ser visto/tratado, classificação, uniformização, desvalorização, e principalmente, a invisibilidade em que tudo isso ocorre. Para Sawaia (2014, p. 41) a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela.

Foi escolhido a seguinte narrativa fotográfica: a *picture stories*; que orienta o registro fotográfico e divide o fotodocumentário em cinco tipos de planos:

⁶ De acordo com a Ledo (1998, p.22) “a fotografia nasce como documento, como registro, que se dispõe a intervir no curso dos acontecimentos, mantendo sua iconicidade, sua semelhança com o referente”.

(1) Planos gerais globalizantes em que participam os principais elementos significativos, (2) planos médios e de conjunto das ações principais, (3) grandes planos e planos de pormenor de detalhes significativos do meio, dos sujeitos e das ações, (4) retratos dos sujeitos, em *close-up* (grande plano) ou noutros planos, como o plano americano (corte acima dos joelhos) e (5) fotografia de encerramento (SOUSA, 2004, p.102-103).

Vale ressaltar um ponto importante tanto no fotojornalismo quanto no fotodocumentarismo: a legenda. “Embora fotografia e texto não sejam estruturas homogêneas (o texto ocupa, geralmente, um espaço contíguo ao da fotografia, não invadindo o espaço desta, a não ser para construir mensagens gráficas), não existe fotojornalismo sem texto” (SOUSA, 2004, p. 65).

RESULTADOS

Figura 1 - Sob olhar do chefe



Fonte: Edgar de Queiros

Figura 2 - O lixo que poucos veem



Fonte: Edgar de Queiros

Na **figura 1** é possível observar o chefe cuidando do serviço do trabalhador, mostra que estão sempre sob juízo da hierarquização, processo que roteiriza o trabalho. A fotografia da **figura 2** mostra o serviço que alguns deles executam, além de marcar o corpo deles pela postura que esse labor traz a esses trabalhadores e ao lidarem com sensações desagradantes na sua forma de trabalhar.

Figura 3 - Monte que esconde humilhações



Fonte: Edgar de Queiros

Figura 4 - Minha existência!



Fonte: Edgar de Queiros

Nesta imagem (**figura 3**) observamos o trabalhador a distância, com intuito de mostrar o isolamento, mostrando que as vezes não são vistos pela sociedade, mas estão ali executando seus serviços. A exemplo disso, alguns dos trabalhadores disseram já pedir água e as pessoas se negarem, maltratando-os, como também que as vezes estão limpando e as pessoas fazem questão de jogar mais lixo, que segundo eles é um processo de humilhação. Nesta imagem (**figura 4**), busca-se mostrar um olho, de forma a chamar a atenção para que esses profissionais são visíveis, mesmo, em alguns casos, sofrerem a invisibilidade.

Figura 5 – Serviço feito que poucos veem



Fonte: Edgar de Queiros

A **figura 5** faz uma crítica ao remete a pensar que o serviço foi feito, mas ninguém viu. Adentra na discussão do reconhecimento social, em poucos

Figura 6 - Sua compra não passa sozinha



Fonte: Edgar de Queiros

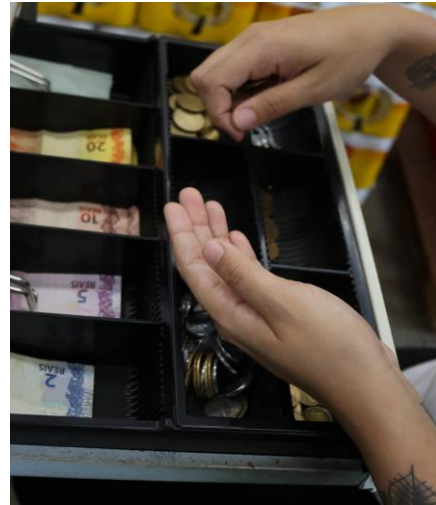
conseguem ver de fato que ali tem um profissional, não só o seu serviço. Esta foto (**figura 6**) descreve a importância do trabalho do profissional do supermercado, que merece reconhecimento social.

Figura 7 - Braços que não param



Fonte: Edgar de Queiros

Figura 8 - O troco que não revela humilhação



Fonte: Edgar de Queiros

Na **figura 7**, observa-se o movimento de passar as compras, marcando seus corpos por realizarem movimentos repetitivos – característica dos trabalhadores invisíveis. A **figura 8** vai de encontro ao dito pelas funcionárias, que vivenciaram humilhações por conta de troco, de centavos que não conseguiram devolver aos clientes, sendo um dos aspectos da humilhação social.

Figura 9 – A uniformidade



Fonte: Edgar de Queiros

Figura 10 - Serviço que nunca fecha



Fonte: Edgar de Queiros

Nesta imagem (**figura 9**), vemos a questão da uniformidade. Todas se vestem iguais para identificação de classe trabalhadora, do substrato no campo do trabalho. A **figura 10** acentua um serviço que nunca fecha, de domingo a domingo o mercado está sempre pronto para

atender os clientes. Logo, encaixa-se na identidade de classe trabalhadora, sempre disposta para a produção de bens/serviços (com pouco descanso, conforme relato pelas funcionárias) para enriquecimento dos detentores do capital.

Figura 11 - Limpeza nossa de cada dia



Fonte: Edgar de Queiros

Figura 12 - Não há água que limpe a humilhação



Fonte: Edgar de Queiros

Aqui (**figura 11**), vemos o quanto é essencial o serviço de limpeza, a questão do reconhecimento e da invisibilidade. Um serviço feito antes dos alunos adentrarem a universidade e que muitas das vezes não veem que por ali passaram trabalhadoras, que sua existência é fundamental para o funcionamento. A foto (**figura 12**) faz alusão ao dito pelas funcionárias, que há humilhações por alunos e outros trabalhadores em sua forma de tratá-las, que nem mesmo essa quantidade de água consegue extinguir aquilo que elas vivenciam.

Assim como as outras, esta imagem mostra o tipo de trabalho que as funcionárias executam (**figura 13**), e que conforme seus relatos, a marca em seus corpos deste trabalho invisível vem à tona após o expediente. A **figura 14** busca mostrar que há pessoas, há mulheres que merecem ser vistas, respeitadas e valorizadas.

Figura 13 - Coluna marcada por muito trabalho!



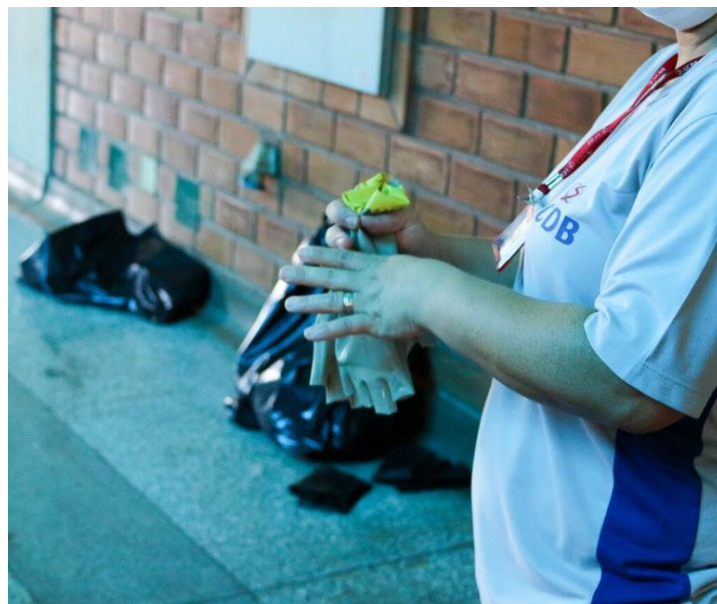
Fonte: Edgar de Queiros

Figura 14 - Mãos, olhos...pessoa como você!



Fonte: Edgar de Queiros

Figura 15 - Respiro para as mãos que realizaram um árduo trabalho



Fonte: Edgar de Queiros

A **figura 15** mostra o fim de um expediente, hora do repouso para o corpo que executou um árduo trabalho.

Na **figura 16**, vemos o motoboy e à sua vivência de trabalho. A **figura 17** acentua a pressa, rotina dessa profissão, a qual, conforme o moto entregador, os clientes reclamam e o mau tratam por uma função que não lhe cabe. Destacou que há alguns clientes que sequer se colocam no lugar dele para compreender à sua função no comércio.

Figura 16 - Pedido, lá vou eu!



Fonte: Edgar de Queiros

Figura 17 - A pressa é uma rotina



Fonte: Edgar de Queiros

Figura 18 - Covid: o risco mais iminente



Fonte: Edgar de Queiros

Esta imagem (**figura 18**) mostra como esta profissão é uma das mais expostas ao vírus da covid-19, mesmo que ele tome as medidas de biossegurança. A vulnerabilidade social, como a questão de saúde, é presente nesta foto.

Figura 19 - Servido



Fonte: Edgar de Queiros

Figura 20 - Outro peso que carregamos



Fonte: Edgar de Queiros

A **figura 19** mostra o serviço do moto entregador. Aqui (**figura 20**), remete as questões da invisibilidade que ele vivência. Ele relata que esta profissão o deixa muito exposto a criminalidade. Ainda relatou as humilhações vivenciadas em sua experiência de trabalhador invisível.

CONCLUSÃO

Por meio desta narrativa fotográfica, aliada aos relatos desses trabalhadores, constatou-se que diante da fotografia os seguintes profissionais (garis, roçada mecanizada, da carpida manual, varrição e limpeza de boca-de-lobo e de feiras, frente de caixa, auxiliares de limpeza e motoboy) são trabalhadores invisíveis. A vulnerabilidade social, os seus corpos marcados pelos seus serviços, a humilhação social, a questão da falta do reconhecimento social, a uniformização, a hierarquização. São, parcialmente, fragmentos que os encaixam numa invisibilidade e os tornam trabalhadores invisíveis.

Por outro lado, eles relataram que há pessoas, que de uma forma simples, os reconhecem e valorizam seus trabalhos, mas as marcas dos que os tornam invisíveis são marcantes.

Esta pesquisa revela que ainda há muito o que se fazer para, no mínimo, diminuir esta problemática, a começar por uma mudança política, social e cultural. As empresas também devem estar atentas ao quanto a invisibilidade compromete a vida destes seres humanos e, contribui como fator de adoecimento. Uma palavra marca muito esses trabalhadores: “discriminação”. Precisamos recuperar nossa capacidade de empatia, de se colocar no lugar do outro. Só assim, conseguiremos combater a invisibilidade vivida por estes profissionais no seu dia a dia como trabalhadores.

REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Amélia Pie Abid. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2012.

BIONDI, Angie. O sofrimento como exemplo no fotojornalismo: Notas sobre os limites de uma identidade. **Brazilian Journalism Research**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p.90-103, 2011.

BRASIL, IBGE. **Trabalho em síntese**. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/trabalho>. Acesso em: 19 nov. 2018.

CAPETTI, Pedro; ALMEIDA, Cássia. **Mais da metade dos trabalhadores brasileiros têm a renda menor que um salário mínimo**. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/mais-da-metade-dos-trabalhadores-brasileiros-tem-renda-menor-que-um-salario-minimo-24020453>. Acesso em: 17 de maio de 2020.

CASTEL, Robert. **As Metamorfoses da Questão Social-Uma Crônica do Salário**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1998.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. Moreira. **Desafios da imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. 5. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2006.

LEDO, Margarita. **Documentalismo Fotográfico. Êxodos e Identidad**. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A., 1998.

PARANÁ. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Trabalho, Realização e consumo**. Disponível em: <http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=334>. Acesso em: 21 mai. 2020.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (organizadores). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. - 5. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2011.

SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis-Rj: Vozes, 2014.

SBPT, Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia. **Orientações da OMS para prevenção da COVID-19**. Disponível em: <https://sbpt.org.br/portal/covid-19-oms/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

SERRA, Alice Mara. Foto-grafia e desconstrução. **Cadernos de Estética Aplicada**, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p.31-49, jan. 06.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, Jessé. **Ralé Brasileira: Quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.